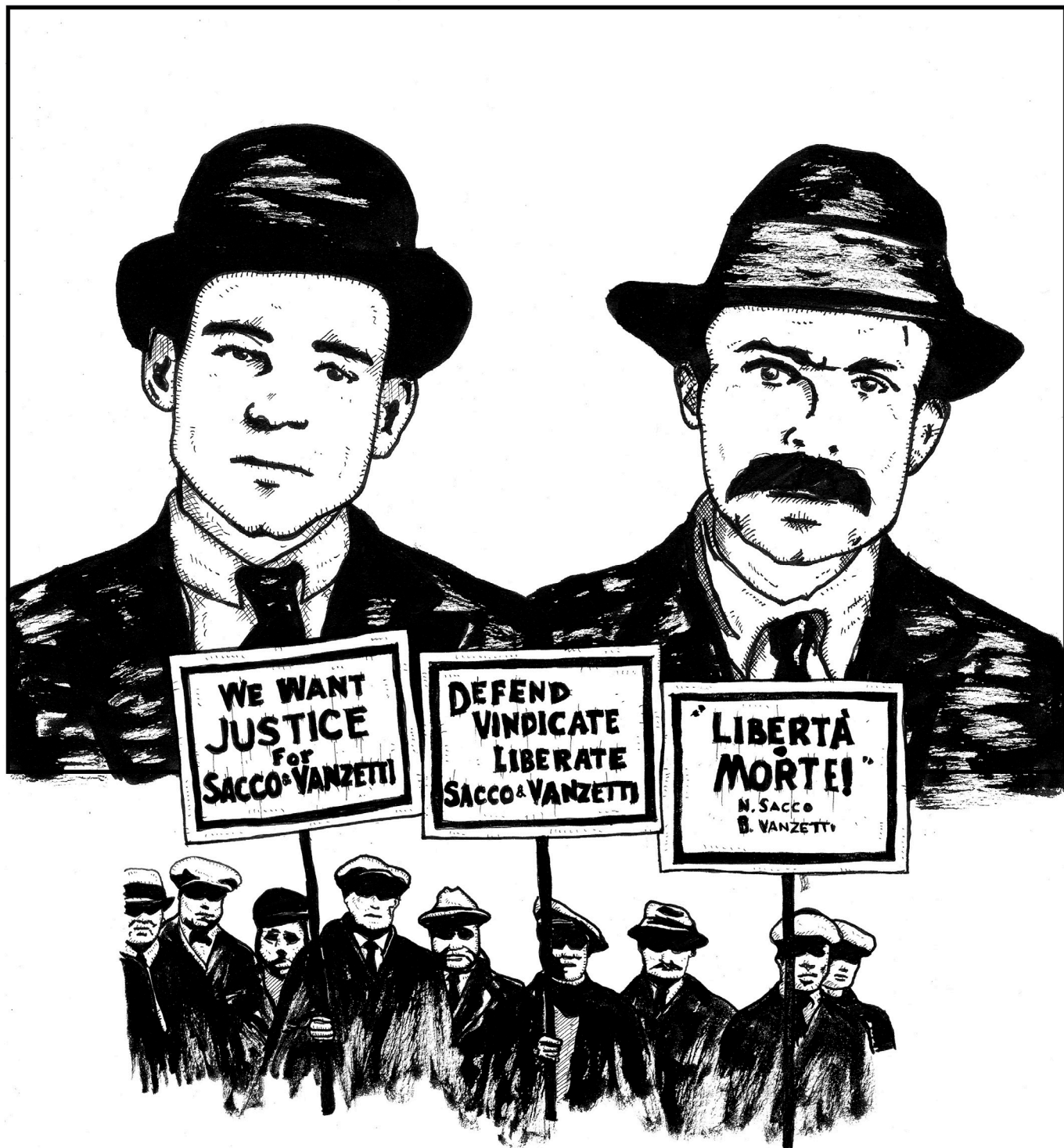


# nordês

PERIÓDICO ANARQUISTA

Umha colaboraçom entre  
A irmandade da costa e  
Ardora (s)ediçons anarquistas



**N5 · AGOSTO 2018**

**TRASPASSAR AS FRONTEIRAS**

**SEMANA INTERNACIONAL SOLIDÁRIA COAS PRESAS ANARQUISTAS**

**AGARDANDO A HORA DA VINGANÇA**

**ILUSOM DE MOVIMENTO EM TORNO DOS FILMES «SOLEDAD»**

**E «EL CAMINO DE SANTIAGO»**

# Traspassar as fronteiras

Anónimo

Por riba de todo, preferiríamos que as nossas loitas nom conhecessem limites. É por isso polo que procuramos, durante a sua elaboração, compreender onde se atopam os seus limites, as suas fronteiras, para despois tratar de traspassa-las. Esta intenção traduce-se tanto no terreno «geográfico» como no plano do «conteúdo». Se nos implicamos numha loita temos com frequência, ainda que seja em segredo, o desejo de que esta loita tenha repercussions além dum bairro, dumha cidade, dumha região específica. Da mesma forma, consideramos umha temática específica ou um acontecimento concreto do qual parte umha loita, simplesmente como indicadores: esperamos que também outros que queiram loitar os sobrepassem para pôr em teia de juízo e atacar a cada vez mais aspetos do poder. Em outras palavras, um anelo de loitas que nom conheçam fronteiras.

Mais se nos fixamos em conflitos sociais ou revoltas que acontecem nalgum lugar lonxano, ou quando umha vez mais um companheiro se nos achega cum desejo internacionalista, a resposta à pergunta de que podemos fazer aqui e agora nom é tam óbvia. Além da ideia de que também noutros lugares do mundo haxa loucos com ideias anarquistas, parece com frequência que temos tapiado nossas próprias atividades, que umha interação com atividades que se desenvolvam fora destas paredes parece impossível. Os esforços que vam na direção dumha interação tal som rapidamente suspensos, na maioria de casos, polo facto de que nom podemos realmente equiparar situaçons locais, que a cada situaçom é diferente e exige por tanto uma focagem singular. O que é verdade em certo modo.

Cada situaçom local, terá sempre aspetos diferentes que convertem em única cada realidade. Diferentes eixos ao redor dos quais existe umha conflictualidade, diferentes formas polas que a autoridade fai-se valer o mais abertamente, diferentes pontos neurálgicos, diferentes sensibilidades. E nem que dizer tem que nós queremos estar o mais atentos possíveis durante a elaboração das nossas atividades locais. Ainda mais, nenhum internacionalismo em si mesmo sairá cumha varinha mágica ou substituir este esforço e esta capacidade necasária. Será sempre um reto ao qual nos atopamos por nós mesmos e ao que nom podemos senom enfrentar-nos por nós mesmos. Mais assim, nom todo está longe de ser dito. Regressando ao que se

dixo mais arriba, penso que pode existir umha dinâmica internacionalista que supere dalgumha forma os projetos locais de cada um, mais que ao mesmo tempo poida influencia-los e faze-los avançar. O leitor atento chamara-me a atençom sem dúvida, adiantando-se a esta afirmaçom tam fácil, pois umha dinâmica assim já existe. Quiçá a questom é mais bem que formas poderia tomar umha dinâmica assim e daí que poderia engendrar se aprofundamos nela e a intensificamos. E aqui, umha afirmaçom fácil estaria fora de lugar. O que segue nom é outra coisa que algumas reflexions modestas e superficiais co fim de contribuir a umha discussom, um exercício mental, umha tentativa. À procura dumha dinâmica que deixe tras de si cada vez mais fronteiras.

Alguns grandes e pequenos momentos no que companheiros de diferentes países se atopam, oferece —além dos objetivos sempre limitados dos encontros— occasions para desenvolver a afinidade. Alguns podem começar conhecer-se em certo contexto e ter o primeiro contato, ainda que seja modesto, para umha reciprocidade no terreno do conhecimento, das ideias, das aspiraçons. Outros quiçá já descobriram esta reciprocidade no passado, e entom cada encontro converte-se num momento no que a afinidade existente pode ser aprofundada. Por suposto, isto nom di nada respeito do por que. Por que nos parece interessante entablar e afinar laços além das fronteiras? Umha pequena parte da resposta parece-me que se atopa nas atividades já elaboradas que percorrem as terras. Momentos de discussom por exemplo, que viajam co pretexto dumha loita, dum acontecimento ou incluso dumha publicaçom, e onde experiências e ideias som trocadas entre diferentes pessoas em diferentes locais. Ou às vezes podemos perguntar-nos por que nom aproveitamos mais a miudo esta possibilidade real, há momentos de conflito «local» que podem literalmente vivir-se conjuntamente por gente de diferentes regions ou países. Por que estes momentos som episódios intensos e por tanto cautivadores numha loita; ou simplesmente por que algumas maos de mais som bem-vindas.

Com toda seguridade seria interessante se algumas iniciativas foram mais a miudo tomadas dentro de tais occasions. Mais (inclusive a multiplicaçom de) estas práticas nom dim ainda todo sobre a sua possível perspectiva. Depois, poderemos gardar tranquilamente estas occasions no armário das experiências feitas para nom volta-las olhar nunca mais. Ou... poderíamos tentar introduzir nas atividades que, a cada um no seu contexto específico, está a elaborar, de forma que estas se voltem pontos de referência e fontes de inspiraçom.

Mais, como entom? Quiçá deveríamos atrever-nos a fazer-nos as perguntas que surgem elaborando loitas locais, cumha focagem internacional. Começando por exemplo cumha análise da realidade. Olhar ao nosso arredor e tentar entender o que acontece e o que está em jogo. Depois, procurar os pontos comuns nas diferentes análises feitas nos diferentes contextos. Que é o que mudou nas últimas décadas? Como analisar o poder que se volta a cada vez mais descentralizado, a ditadura da economia que tenta colonizar de forma ainda mais profunda a vida, os meios repressivos a cada vez mais amplos que os Estados estam a desenvolver, o papel delirante da tecnologia, etc.? Som tendências que traspassam amplamente as fronteiras nacionais e que, embora seja a um ritmo diferente ou baixo outras formas, fam-se sentir por todos lados. E depois, que momentos podem conseguir socavar a ordem estabelecida, ou que pode dizer-nos a ausência de tais momentos? Tendo feito um análise da realidade, podemos aventurar-nos também no terreno do futuro. Nom só tentando formular hipóteses que vam além da nossa situaçom local, senom também perguntando-nos que poderiam ensinar-nos estas hipóteses em relaçom à intervençom anarquista. Que possibilidades poderiam perfilar-se se nos implicamos também na discussom além do nosso contexto e dos cúmplices próximos. Isto poderia crear umha interação que deixa poucas cousas sem discutir; análise, meios, métodos, e por que nom, perspectivas e possíveis «objetivos». Umha interação na qual nom se aprofunda durante os momentos de discussom e de açom que partilhamos fisicamente, mais pode também ser levada aos nossos próprios projetos, as nossas próprias iniciativas de loita, as nossas próprias tentativas de ruturas na realidade do seu contexto. Para que umha dinâmica poida crescer, na que as atividades de todos os recantos se comuniquen cada vez mais, se inspirem e se fortaleçam.

*[...] penso que pode existir umha dinâmica internacionalista que supere dalgumha forma os projetos locais de cada um, mais que ao mesmo tempo poida influencia-los e faze-los avançar. [...]*



# Semana internacional solidária coas presas anarquistas

Neste ano, do 23 ao 30 de agosto terá lugar por sexta vez a semana de solidariedade internacional coas presas anarquistas. Há umha grande quantidade e diversidade de casos de presxs anarquistas. O primeiro dia comemora a execuçom de Sacco e Vanzetti, dous anarquistas italo-americanos, que forom condenados a pena de morte com moi poucas provas e moitos ainda consideram que forom castigados por ser anarquistas. Para informar das açons ou atividades à direçom [tillallarefree@riseup.net](mailto:tillallarefree@riseup.net). e seram publicadas na página web <http://solidarity.international/>. Nesta página também podes atopar exemplos e sugestons de açons e correios de apoio a anarquistas, enlaces a listagens de presxs e mais.

## Reflexons desde Estados Unidos sobre o 11 de junho

O passado 11 de junho tivo lugar umha jornada de solidariedade coas presas anarquistas de longa condena.

Foi estabelecido como dia de solidariedade em 2004, no marco da campanha pola liberdade de Jeffrey «Free» Luers, preso anarquista cumha sentença de mais de 22 anos por incendiar 3 autos no 2000. Após anos de loita, conseguiu reduzir a sua pena e saiu em liberdade em dezembro de 2009. Depois, em 2011, recuperou-se como dia de solidariedade internacional para todxs xs presxs anarquistas de longa condena. Nom está pensado sobre umha divisom entre «presxs políticxs» e «presxs comuns», senom na necessidade específica de apoiar aos nossxs companheirxs mais cercanxs que estaram encarceradxs durante moitos anos.

A partir deste dia, cada ano, vários de nós reunimo-nos para debater e reflexionar sobre as experiéncias de anos passados, para renovar e continuar com este chamado à solidariedade. Neste ano convidamos a explorar e reflexionar com nós sobre como manter o apoio axs presxs de longa condena, depende diretamente da manutençom dos movimentos e as loitas das que todos fazemos parte. Como podemos agardar continuar através de décadas de apoio à medida que os movimentos, grupos e pessoas vam e venhem, queimam-se e vem-se atrapadas nos extenuantes fluxos da loita? Indo mais profundo, que podemos aprender dxs presxs de longa condena e os seus legados de solidariedade? Como podemos manter e melhorar a saúde dos nossos movimentos e, à sua vez, fortalecer esse apoio?

Nos últimos anos, as críticas ao encarceramento floresceram, com frequência dando como resultado umha grande quantidade de esforços e projetos de apoio axs prisioneirxs. Encarnando a estabilidade, o compromisso e a longevidade, som prisioneirxs para a libertaçom negra, a nova esquerda, os movimentos indígenas e quem os apoiou incessantemente durante décadas. Além destes esforços, houve um aumento na organizaçom contra a encarceraçom em massa em si. Ainda que os grupos mais pequenos foram pioneiros nestes sentimentos durante moitos anos anteriores, é alentador ver a mais pessoas empreender este trabalho. Também houve umha extensom dos esforços para apoiar axs rebeldes das prisons que se envolverom em todo, desde greves de trabalho até a queima e destruiçom de unidades inteiras no interior. Ao mesmo tempo, cada vez mais projetos estam a criticar ao estado mesmo, identificando os pilares que sustentam as prisons e a polícia. Finalmente, há mais esforços dirigidos a abordar as necessidades dxs prisioneirxs queer e trans, xs sobreviventes criminalizadxs de abuso doméstico e sexual, e as pessoas que vivem com problemas de saúde mental, só por nomear algunhas.

No espírito do 11 de junho, que convida a todxs a participar de acordo cos seus próprios desejos, afinidades pessoais e preferéncias táticas, nos alenta ver umha atividade tam estendida. Umha cousa designadamente que nos alentou ver é a difusom que tiverom os boletins, blogues, livros e revistas escritos por prisioneirxs. Após anos de discussom sobre a ampliaçom das vozes dxs presxs, estamos a ver os resultados e apreciamos as inumeráveis horas que tanto prisioneirxs como companheirxs empregaram para lançar e manter estas publicaçons. Complementando estes esforços, aquelxs que fomentaram a solidariedade internacional traduzindo e transmitindo as palavras dxs nossxs companheirxs, e aqueles que empreenderom belos gestos e mensagens de solidariedade com açons e ataques audazes.

Entre estes moitos projetos de apoio axs prisioneirxs, vemos umha variedade de orientaçons, táticas, estratégias e práticas. Junto da expansom das iniciativas, surgirom intermináveis emergéncias e urgentes chamados à açom para resguardar as costas dxs presxs, além de todas as demais crises constantes neste mundo de pesadelo. Com tanto que fazer, vemo-nos obrigados a tomar decisons. O ativismo tradicional, que exige que muita da nossa energia se dirija a respostas imediatas já com frequência simbólicas a expensas das intençons e estratégias a longo prazo, simplesmente nom serve. Precisamos atuar tendo em vista manter os nossos movimentos e projetos, de modo que sejamos capazes

de apoiar axs companheirxs que passam décadas em prisom. Isto require umha focagem holística para loitar e viver em solidariedade. Os gestos dumha só vez som importantes, e às vezes o melhor que podemos fazer. Mais, que significa estar em longa condena?

Ainda que o 11 de junho é só um dia, é umha manifestaçom da força e fortaleza diária dxs companheirxs encarceradxs e do trabalho incansável e por trás de cena de aquelxs que xs apoiam. Isto com frequência pode-se ver em: escrever umha carta, conseguir dinheiro, difundir informaçom e partilhar as suas obras de arte, poemas e escritos. Estamos inspiradxs polos grupos de apoio de Jeremy Hammond e Marius Mason que trabalham constantemente para mante-los ligados co resto do mundo. Escoltamos a Sacramento Prisoner Support que loitou durante anos para libertar a Eric McDavid. Sentimo-nos honradxs por tantxs que ajudaram a prisioneirxs de longa condena como Zolo Azania, Russell Maroon Shoatz, David Gilbert, Sean Swain, Mumia Abu-Jamal, Jalil Muntaqim, Leonard Peltier e tantos outros que publicam livros escritos desde as suas celas.

## Visons e possibilidades

Ante a perspetiva a longo prazo de ajudar axs companheirxs durante décadas em prisom e o trabalho a curto prazo que implica esta solidariedade, corremos o risco de nos perder ao alternar correntes de desesperaçom e mania que nom nos deixam espaço para a reflexom. É difícil saber para onde mover-nos quando nos enfrentamos à abrumadora tarefa de melhorar as privaçons e a miséria que enfrentam xs nossxs companheirxs e ao mesmo tempo continuar a ser críticxs co reformismo. Queremos que os nossxs companheirxs sejam livres agora e derribem todos os cárceres imediatamente, mais nom temos ideia de como fazer isto. Apesar das nossas décadas combinadas de atuar em solidariedade cxs prisioneirxs anarquistas, nom temos um plano, só visons.

Ao tirar as dicotomias divisivas e os seus fetiches táticos (loita de massas contra açom direta), podemos chegar a umha nova medida para julgar o nosso trabalho: pode isto soster-nos a mim e aos meus companheirxs nos próximos anos? Parece pouco provável que um movimento vibrante de solidariedade cxs presxs poida florescer se as nossas preocupaçons som unicamente ideológicas, táticas ou estratégicas. A alegria e a dificuldade das relaçons humanas, a tristeza engendrada polo arame concreto e a navalha, a loita contra as ideias opressivas e o comportamento e a necessidade concorrente de formas transformadoras de abordar o conflito, a emoçom e o medo que implica a libertaçom dum companheirx e a frustraçom e o esgotamento de fazer este

trabalho deveria converter-se em parte de como visualizamos a solidariedade.

Parece-nos que ao participar ativamente nestas considerações, podemos começar a pensar além das crises imediatas: literatura restringida, cartas que faltam, períodos em solitário, hostigamento dxs guardas, loitando por fondos da comisaria, chamadas telefônicas e visitas restringidas. Ao enraizar-nos nas relações coas pessoas no cárcere, véndoos nom como celebridades, líderes ou «pessoas oprimidas» abstratas, abrimos um espaço para sonhar co que poderia significar umha vida em comum cos nossxs companheirxs encarceradxs. Com isto, saímos do âmbito do puramente político e entramos no reino do humano. Um nom pode sobreviver polo dever e a ideologia, mas as relações humanas podem nutrir-nos e sustentar-nos. E devemos loitar continuamente para manter caminhos claros para chegar axs nossxs companheirxs desta forma, enquanto o estado continua des-humanizándoxs e ailhandoxs, restringindo cada vez mais as visitas axs que estam por trás do cristal ou, pior ainda, axs que estam numha pantalha, já sejam uns poucos metros ou centos de milhas de distância. As visitas em pessoa e o contacto, som invaluableis para construir umha verdadeira conexom humana, com frequência som umha prioridade na lista de demandas dxs presxs e de quem xs apoiam no exterior. Recentemente, inspiramo-nos na campanha Fight Toxic Prisons para manter visitas de contacto no Departamento de Correções da Florida.

Devemos loitar por vidas entrelazadas coxs nossxs amigxs e companheirxs em prisom. E de facto, em moitos sentidos, o som. A repressom dos grupos de apoio de prisioneirxs pola Operação Scripta Manent (a tentativa

do estado italiano de reprimir as atividades anarquistas acusando a individuos de levar a cabo ataques incendiários e explosivos) lembra-nos que com frequência há umha linha delgada separando a quelxqs que estam encarcerados e quelxqs que estam fora apoiándoxs de qualquera maneira que podam.

Que podem sugerir destas considerações sobre a construção de movimentos sustentáveis, comunidades e projetos, quando pensamos em acompanhar axs nossxs companheirxs tanto através da repressom prévia ao julgamento como nas transições posteriores à libertaçom? Transmitir conhecimentos históricos e intergeracionais de quelxqs que já sobreviverom ao pior que o estado poderia arrojá-lhes sem dúvida seria útil e inspirador para quelxqs que atualmente loitam por manter-se livres. E daí seria melhor para um companheirx que sae de prisom que umha comunidade forte e de amigxs que já tenhem estado trabalhando e visualizando vidas juntxs?

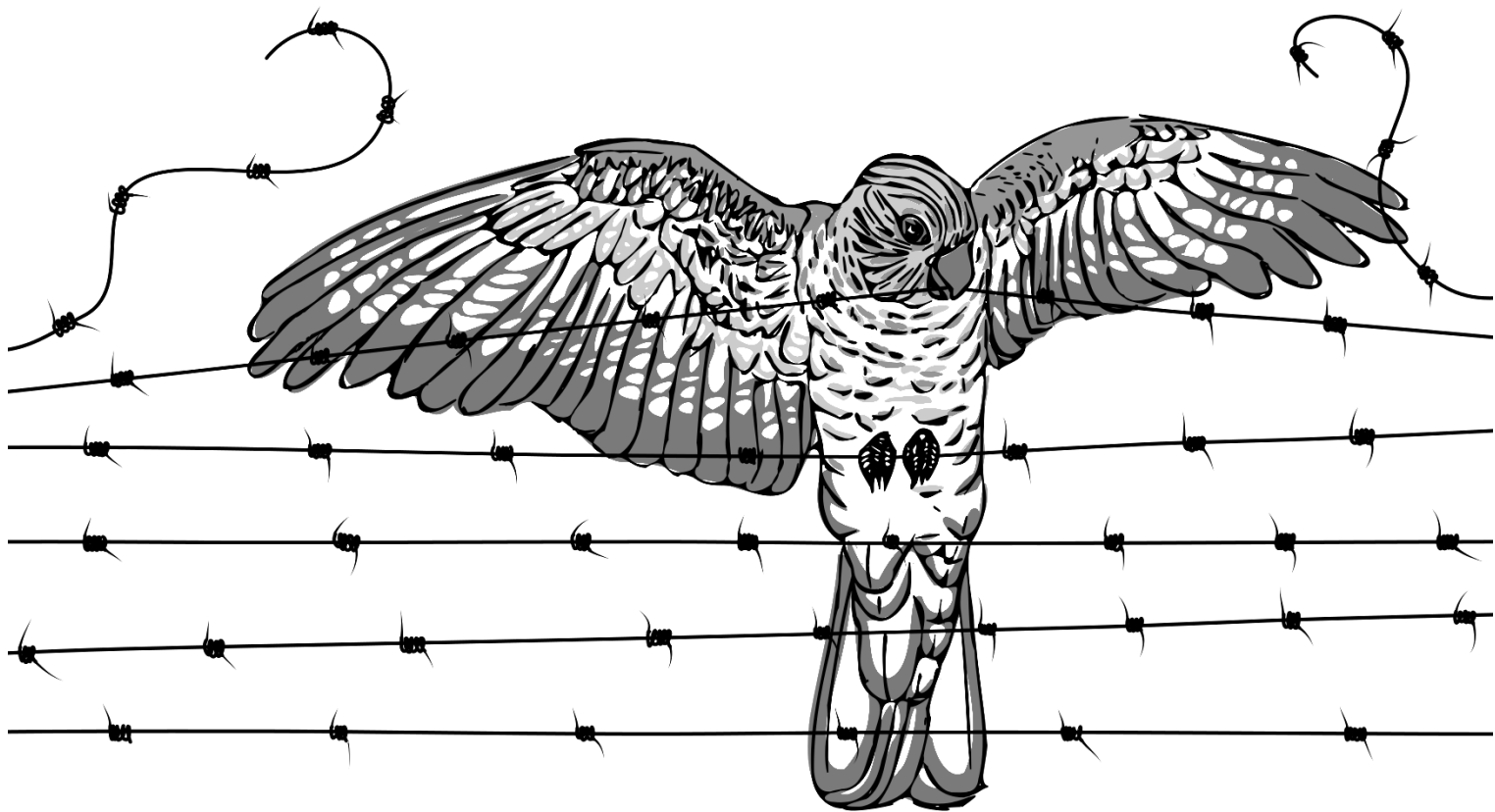
### Actualizações dos prisioneirxs

Durante o ano passado, nossxs companheirxs encarceradxs enfrentaram-se aos olhos frios e as maos violentas do estado coa integridade intacta. Em Chile, Tamara Sol tentou fuxir da prisom, resultou gravemente ferida no processo e desde entom foi trasladada: primeiro a umha prisom de máxima seguridade em Santiago, e depois à prisom especialmente brutal de Llancahue em Valdivia. O «Caso Bombas 2» concluiu, com Juan Flores declarado culpável de múltiplos atentados em Santiago e sentenciado a 23 anos de prisom. Em Alemanha, Lisa foi sentenciada a mais de 7 anos de prisom depois de ser declarada culpável de roubar

um banco em Aachen. Foi transferida a JVA Willich II em fevereiro. Nos Estados Unidos, Walter Bond declarou-se em greve de fome durante seis dias, exigindo comidas veganas, o fim da manipulação do correio e o traslado a Nova York, onde tem a intenção de viver após a sua libertaçom. Em represália, foi transferido à Unidade de Gestom de Comunicações em Terre Haute, Indiana. Na Grécia, Pola Roupa e Nikos Maziotis declararam-se em greve de fome durante quase 40 dias para exigir melhores condições e mais tempo para as visitas, bem como a abolição da prisom ultra-repressiva de tipo C que manteve a Nikos. Dinos Yagtzoglou foi arrestado e enfrenta cargos relacionados cumha carta bomba que feriu a um ex primeiro-ministro grego. A sua resistência tralas reixas provocou um levantamento em três prisoms gregas, conseguindo a sua demanda de traslado à prisom de Korydallos.

Nos Estados Unidos, o prisioneiro da libertaçom trans, animal e ecoanarquista Marius Mason precisa mais correio! Encantam-lhe os artigos sobre os direitos dos animais, o ativismo ambiental, a resistência alt-right, Black Lives Matter e outras loitas em prisom. O Centro Médico Federal Carswell, onde Marius estivo presa durante os últimos anos, é umha instalaçom notoriamente restrictiva e cruel. Atualmente negam-lhe atenção médica para a sua transição segundo o prometido, assim como opções adequadas de alimentaçom vegana.

O 11 de junho é umha ideia, nom só num dia. O 11 de junho som todos os dias. E as ideias som a prova de balas. Dêmos-lhe vida no resto do ano e renovemos o recorde das vidas dxs prisioneirxs anarquistas levando adiante as suas loitas junto a elxs.





# Agardando o momento da vingança

Anónimo

O 23 de agosto de 1927, o verdugo mais ativo e notorio dos Estados Unidos, Robert G. Elliott, executou a sentença de morte ditada o 9 de abril do mesmo ano polo juiz Webster Thayer contra Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti. Umha potente descarga elétrica puxo fim aos dias dos dous anarquistas italianos, mais nom ao seu caso judicial, que foi seguido em todo mundo por milhons de pessoas e que continua dividindo aos historiadores. Eram culpáveis ou inocentes? O 15 de abril de 1920, foram eles quem roubarom e matarom em South Braintree aos dous empregados dumha fábrica de zapatos que levavam o dinheiro para os cheques? Ou foi só um deles, Sacco, segundo os rumores dos círculos anarquistas italoamericanos? E se os homes de Joe Morelli apertassem o gatilho, especializados em roubos similares, como sugeriu Celestino Madeiros, cuja confessom nom foi tomada em consideraçon pola Corte Suprema e que foi executado junto Sacco e Vanzetti por outro crime? Estas som as perguntas que durante quase um século se marcam os adoradores da Deusa da balança, que prefirem enojar-se coas especulaçons para nom questionar a sua fé e nom enfrentar o quid da questom. Isto é, que a sua divindade nom existe, nunca existiu e que, aos olhos do Estado que passa e administra o seu culto, Sacco e Vanzetti eram culpáveis além de toda possível dúvida. Co respeito aos moitos, demasiados partidários que criaram e nutrirom a lenda chorosa do «bom zapateiro e o pescadero pobre» para desfrutar do apoio popular aos dous presos. Desde logo esta mistificaçon inocente deu os resultados desejados.

Assim como nom existe um ser sobrenatural criador do universo chamado Deus, senom organizaçons terrenais chamadas igrejas que em nome da abstraçon pura perseguem os seus interesses materiais, da mesma maneira nom há virtude universal chamada Justiça, senom só instituições humanas chamadas tribunais que em nome de outra abstraçon pura perseguem os interesses do estado. É o estado o que determina que, quando e como um facto pode ser considerado um crime, é o Estado o que escreve as leis, é o estado que administra, é o estado que estabelece a aplicabilidade, modifique ou suspenda o seu uso e consumo. O assassinato é um crime, a nom ser que assassine um guardiam da ordem. A massacre é um crime, a nom ser

que seja um exército quem a realiza. O roubo é um crime, a nom ser que seja um banco o que roube. A devastaçon é um crime, a nom ser que seja uma companhia multinacional quem a provoque. A violaçon é um crime a nom ser que seja um cura quem viole. A justiça nom existe em si mesma, nem está garantida polo estado. A justiça é um produto do estado e, como tal, é manipulável, maleável e explorável de acordo coas suas necessidades.

O 23 de agosto de 1927, a justiça nom foi crucificada em absoluto, simplesmente aplicou-se. Para assa-los na cadeira elétrica nom foram duas as vítimas inocentes dum Estado mal administrado por servidores públicos que permanecerom xordos aos chamamentos lançados por quem os convidarom a seguir o caminho correto. Nom, morrerom dous inimigos amargos e declarados do Estado, que precisamente por esta razom decidiu elimina-los. Realmente precisamos ser reclamos civilizados para nom entende-lo. Como podemos justificar as detençons e expulsions atuais de imigrantes suspeitosos de ter vínculos co «terrorismo», e indignar-nos pola detençon e a condena no passado de dous imigrantes com evidentes vínculos co «terrorismo»? Nom é necessário dar-lhe demasiadas voltas, Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti eram moi culpáveis, talvez nom do crime de roubo à mao armada e duplo assassinato, Sacco e Vanzetti eram em realidade dous anarquistas, orgulhosos disso, ambos ativos durante anos nesse movimento de língua italiana que nos Estados Unidos girou em torno do semanário Cronaca Sovversiva. animado por Luigi Galleani. Isto significa que ambos foram parte do chamado movimento anarquista autónomo, partidário do derrocamento violento do estado, a favor da açom direta e de atos de revolta individual. Contra este diário e os seus empregados, as autoridades dos Estados Unidos decidiram ir à guerra moito antes do 5 de maio de 1920. A procura da sua redaçon e a detençon dos seus editores (incluindo o mesmo Galleani) ocorrerom na primavera de 1917, em pleno fervor patriótico e intervencionista. Quando o 26 de julho de 1918 se celebrou umha reuniom entre funcionários públicos do Departamento de Justiça e a Oficina de Imigraçon para avaliar os passos a seguir e neutralizar ao «estrangeiro radical» subversivo no território dos Estados Unidos, o semanário de Galleani já deixara de publicar regularmente. Cabe lembrar que desde 1903, depois do assassinato do presidente McKinley polo anarquista imigrante polaco Leon Czolgosz, aplicou-se umha Lei de Imigraçon para desterrar anarquistas estrangeiros do território norte-americano.

Mais as leis que entom existiam demonstrarom ser insuficientes ao contrastar a ameaça subversiva que se manifestara nos protestos contra a Primeira Guerra Mundial e que depois reviveu coa eclosom da revoluçon russa. A nova legislaçon sobre a matéria bloqueou-se polo tempo que levou os procedimentos formais, razom pola qual no curso dessa reuniom decidiu-se em segredo aplicar medidas que ainda nom se aprovaram. Um feito desta reuniom citado com frequência por moitos historiadores é destacar que no ponto de mira das autoridades estava a IWW sindicalista revolucionária, no entanto, ignoram o facto de que dos seis parágrafos dos documentos dous estam dedicados expressamente aos anarquistas mais próximos a Crónica subversiva aos que ordenarom a sua deportaçom imediata. Porque o governo já nom queria tolerar aos estrangeiros «que apoiam e ensinam a anarquia nos Estados Unidos». Crónica subversiva viu-se obrigada a suspender a publicaçon (após o 20 de abril de 1918 conhecem-se só quatro números, o último dos quais foi o primeiro de Maio de 1919), já que era o órgão do anarquismo mais combativo e irreductible, que publicou artigos incendiarios contra o governo e a sua política belicista, que propagou opúsculos como «A Saúde está em ti!» (Segundo o historiador Robert d'Attilio, umha das principais causas de ensanhamento das autoridades norte-americanas contra os anarquistas italianos), que publicou livros como «Cara a cara co inimigo» (segundo o historiador David Wieck, decisivo na aprovaçon do Tribunal Supremo de Massachusetts do veredito de culpabilidade contra Sacco e Vanzetti). Fechou o jornal, era hora de fazer um varrido limpo dos seus colaboradores e simpatizantes.

Preocupaçons similares obviamente intensificarom-se na primavera de 1919 ante a proliferaçon de ataques anarquistas. A finais de abril, várias bombas foram interceptadas por representantes de instituições políticas e económicas, e o 2 de junho produzirom-se várias explosions em todo o país. O mais destacado foi contra a casa do ministro de Justiça Palmer, onde ficou destruçado o atacante, que só mais tarde seria identificado: era Carlo Valdinoci, o garante de Crónica subversiva.

As autoridades norte-americanas fixerom todos os esforços possíveis para começar umha verdadeira caça de anarquistas italianos, incluído o uso de infiltrados e o chantaje contra qualquer pessoa. O 24 do mesmo mês de junho, Luigi Galleani e outros anarquistas italianos, colaboradores da sua publicaçon semanal, foram deportados a Itália. O 25 de fevereiro de 1920, os impresores anarquistas Andrea Salsedo

*[...] Assim como nom existe um ser sobrenatural criador do universo chamado Deus, senom organizaçõs terrenais chamadas igrejas que em nome da abstraçom pura perseguem os seus interesses materiais, da mesma maneira nom há virtude universal chamada Justiça, senom só ins-tituiçõs humanas chama-das tribunais que em nome de outra abstraçom pura perseguem os inte-resses do estado. [...]*

e Roberto Elia foram detidos para ser interrogados num contexto de investigaçoens relacionadas cos atentados do 2 de junho anterior (durante a sua detençom, Salsedo tratará várias vezes de pôr-se em contacto com Vanzetti). O 15 de abril, produziu-se um gram roubo em South Braintree, polo qual se suspeitou inicialmente do anarquista italiano Mario Buda, a quem a polícia prepara umha trampa perto dumha garagem onde deixara um automóvel. O 3 de maio, Andrea Salsedo caiu do andar decimocuarto do edificio onde nesse momento era um «convidado» do Departamento de Justiça e desplomou-se no cham. Quarenta e oito horas depois, o 5 de maio, Sacco e Vanzetti caeram na trampa preparada para Buda. No momento da detençom ambos estavam armados e o motivo da sua saída noturna era de natureza ilegal (talvez tiveram que ocultar caixas de dinamita, ou cópias de «A saúde está em ti!»). Seram acusados do roubo em South Braintree o 11 de setembro de 1920. Seis dias depois Mario Buda reagirá ante a detençom dos seus dous camaradas —«os melhores amigos que tive nos Estados Unidos»— realizando um dos ataques mais letais em território norte-americano, detonando umha carroça de dinamita no coraçom de Wall Street.

Isso é o que eram, o «bom zapateiro e o pescadero pobre». Dous anarquistas revolucionários que nunca negarom as suas ideias. Dous amigos e companheiros de loita daqueles que se atreverom a levar a guerra à casa do governo dos Estados Unidos. A dúvida sobre a sua participaçom direta real nalgum ataque ou roubo é completamente irrelevante. A probabilidade de que fossem tecnicamente inocentes desse roubo e igual à de ser tecnicamente cul-

páveis. Entre os seus próprios defensores públicos, nom poucos foram aqueles que, no fondo dos seus coraçõs, creram na sua culpa (especialmente na de Sacco). Também nom tem moito sentido aferrarse à diferença entre umha açom revolucionária direta e um roubo criminal: a história do movimento revolucionário está cheia de assaltantes, ladrons, estafadores..., além disso nom se pode dizer que os anarquistas próximos a Crónica subversiva mostrassem qualquer respeito pela propriedade privada ou pola vida dos seus guardians. Nom só nas colunas deste jornal nom som raros os chamados a expropriar a riqueza doutros, polo menos um dos seus colaboradores —um dos mais entregados que mais tarde será um dos fundadores de L'Adunatta dei Refractari— saía frequentemente a roubar bancos, abatendo a todos os polícias que se punham ao seu passo.

Entom, Sacco e Vanzetti eram inocentes? De cometer o roubo em South Braintree, talvez . Mais de ser anarquistas, inimigos mortais do estado, certamente nom. E isto foi suficiente para que as autoridades os eliminassem começando a sua maquinaria judicial, baixo qualquer pretexto. Depois de todo, que mudou desde entom? Inclusive hoje, nom poucas vezes, para ser processados polas autoridades é suficiente ser anarquistas e nom ocultar a hostilidade hacia o Estado.

Aqui, este aspeto particular é também o que empurrou e com frequência ainda empurra a moitos (cada vez que há que defender aos arrestados) a tomar o caminho da inocência, a ocultar ou minimizar esta hostilidade. Para fazer da cada presa umha pobre vítima da repressom, um bom rapaz ou umha rapaza quiçá um pouco «exuberante, mais animada por boas intençõs». Tentar





obter a libertação através do forte caudal do consenso popular, o que se outorga só aos inocentes. Foi o caminho tomado pelos advogados de Sacco e Vanzetti, dos que os seus colegas mais próximos nom se puderom desfazer (alguem incluso dirigiu-se ao Papa, comparando aos dous anarquistas presos com Jesucristo). Ter todos esses nomes famosos ao teu lado, ter todas essas massas do teu lado, tendo essa montanha de cartos ao seu dispor, fixerom girar a cabeça a moitos camaradas que virom a possibilidade de derrotar ao Estado no seu próprio terreno, o judicial. Os milhons de pessoas que invocaram os nomes de Sacco e Vanzetti em todo o mundo pareciam umha garantia, umha promessa de vitória. O que seguiu mostrou como a nossa saúde nom pode provir dum veredito judicial.

Obter a sentença de absolução é tarefa dos advogados, nom dos subversivos. Reforçar os tópicos das pessoas é o trabalho dos políticos; os inimigos da política devem socavá-los. Quando ao estado durante os seus assaltos se lhe cae a máscara de ser um defensor da justiça, deixando de ocultar a sua verdadeira cara de assassino e opresor, nom tem sentido convidar-lhe a recobrar a compostura, ajudando-lhe assim a reasentar a máscara. Tes-te que des-

fazer del por completo, a costa de desatar a sua fúria. Nom fai falha agardar a que outros fagam justiça.

E este é outro aspeto presente em Sacco e Vanzetti. A sede de vingança. Estavam listos para subir ao patíbulo, mas também queriam-se vingar. Após a explosão de Wall Street, a vingança anarquista permaneceu imóvel durante moito tempo, esperando a ver o resultado dos acontecimentos. Mais despois do 12 de maio de 1926, quando a Corte Suprema de Massachusetts confirmou a condena de Sacco e Vanzetti, a impotência do «consenso das massas» se fixo evidente para todos. E ainda quedaram aqueles que passaram à açom. Menos dum mês despois, o 1 de junho de 1926, estourou umha bomba na casa de S. Johnson em West Bridgewater. Nesse mesmo mês saiu o primeiro número de Human Protest, boletim do Comité de Defesa Sacco e Vanzetti, que se abriu com este título a página completa: «Enquanto se achega o dia da execução, os prisioneiros advirtem: a saúde está em vocês!». Um ano despois, o 10 de maio de 1927, a polícia intercetou um pacote de bombas dirigido ao governador Fuller numha oficina de correios de Boston. O 6 de agosto, três dias despois de que Fuller rexeitara o pedido de indulto, três ataques

ocorrerom simultaneamente no metro de Nova York, numha igreja de Filadelfia e na casa do presidente da câmara municipal de Baltimore. Nove dias despois, o 15 de agosto, a família de Lewis McHardy, um dos júris do processo Dedham, foi desalojada da casa por umha poderosa bomba. Nom tivo vítimas nem detenções. O 28 de agosto de 1927 levou-se a cabo o funeral de Sacco e Vanzetti, ao que assistirom milhares de pessoas. Ao longo da processom fúnebre havia umha composição floral, cumha inscrição em italiano: «Agardando a hora da vingança». E a vingança por essas duas mortes tomou nove meses para dar os seus fritos. O 17 de maio de 1928, umha bomba estourou em Richmond Hill, Nova York, contra a casa do verdugo Robert G. Elliott, quem desafortunadamente permaneceu ileso. Cinco anos mais tarde, o 27 de setembro de 1932, foi destruído o fogar do juiz Thayer. Aterrorizado, Thayer mudou-se a um clube e ficou ali até a sua morte, só sete meses despois, baixo a proteção dum guarda-costas e a polícia.

Nom há pessoas inocentes, nom há culpáveis. Nom há justiça para exigir, pedir, agardar. Há guerra social, coas suas partes enfrentadas. E à cada caida a sua vingança.

## Plusom de movimento em torno dos filmes «Soledad» e «El camino de Santiago»

*Reproduzimos este texto publicado no boletim «La Oveja negra» sobre os filmes que terem estreia próximamente sobre as vidas de Soledad Rosas, Baleno e Santiago Maldonado. Companheiros assassinados polo estado.*

A um par de quilómetros do território rebelde de Cushamen onde mataram a Santiago está o museu Leleque, pertencente à estadia Bennetton e dedicado às “culturas indígenas”. Com essa escenificação o grupo empresarial italiano e o Estado argentino pretendem reduzir às comunidades em fantasmas sem voz nem memória. Objetos inanimados inundam as suas vitrinas, fotos em branco e negro. Textos que nom dim nada. Umha atmosfera sem vida que fundamenta a razom estatal. Fora do museu e a estadia, a maquinaria capitalista manifesta-se de maneira menos subtil mas complementar: tiroteios, incêndios das rukas, tentativas de desalojos, torturas e o desaparecimento e assassinato de companheiros das comunidades.

Dizer que a história a escrevem os que ganham é um lugar comum mais nom por isso menos certo.

Este 1 de agosto estreia-se no teatro porteño ND Ateneo o documentário El Camino de Santiago dirigido por Tristán Bauer com guiom de Florencia Kirchner.

Para o 20 de setembro estreia-se o filme Soledad em torno de Soledad Rosas e o seu companheiro Baleno, dirigida por Agustina Macri, filha do atual presidente.

Como um chiste macabro, duas filhas dos apelidos mais poderosos da burguesia e a política atual escolherom a vida destes companheiros anarquistas para os seus produtos.

Em ambos casos, atoparam elementos que ao reduzi-los a circunstâncias cinematográficas, resultam sedutores: a rebeldia juvenil, a viagem inicial, a luta por uma causa, o final trágico. Engadindo, no caso de Soledad Rosas, o romance apasionado.

### O caminho à mentira.

A eleição do título do documentário, tam óbvio, nom deve ser acusado de erróneo ou pouco profundo, para estes amigos do Papa. O caminho de Santiago existe. É umha enorme ruta de peregrinação católica, entre França, Espanha e Portugal que leva à cidade de Santiago de Compostela na

Galiza, onde os fiéis lhe honram ao mártir Santiago o Maior, um dos doze apóstolos. Elocuente título, reflete fielmente a cosmovisom progressista: a redução dumha pessoa a personagem de ficção e depois a mártir e santo, isto é nom humano. Aos seus seguidores para honrá-lo só lhes toca rezar e chorar, admiram só o irreal, aquilo que é impossível entender e acompanhar. Todo moi cristiá.

No ano passado já se quiseram apropriar da figura do nosso companheiro: coas suas marchas como processons, a tentativa de converter ao Brujo em mártir da democracia, metendo na rosca política que tanto desprezou coa sua loita, coas suas canções e nos seus escritos. Nom tiverom tapujos em subestimar a loita mapuche radical – “pobrecitos índios”- a quem Santiago fora a ajudar, como quem fai caridade cristá. Nas suas marchas nom falavam da prisom de Jones Huala, nem da situação de Cushamen, nem da proposta do MAP. Da RAM, só podiam conceber que eram umha criação dos serviços de inteligência. Cristina Fernández, mai de Florencia, apareceu com toda a sua caradurez numha missa portando a foto de Santiago simultaneamente que convidava aos seus seguidores a delatar e castigar a companheiros e companheiras, acusados de infiltrados, de terroristas ou de empregados de Macri.

Hereges, iconoclastas que nom queriam processons se nom que cortavam rutas e ruas, e apedreaban polícias e igrejas.

Como bom produto para o mercado, O Caminho de Santiago, promoveu-se cumha estratégia de marketing contemporânea. Nas ruas de Buenos Aires aparecerom afiches anónimos, com estética de agrupaçom militante, ilustrados cos olhos do companheiro. E rezava: «Onde termina o caminho de Santiago?» O mesmo nas redes sociais. Vários spots com imagens da Patagónia com a mesma pergunta. Muitas pessoas começaram a difundí-lo sem saber de que se tratava e quem estava detrás.

O diretor da cinta, é Tristán Bauer, um dos melhores contacontos do anterior governo. Ex diretor de Canal Encontro, também dirigiu entre outras, Evita, la tumba sin paz (1997), a exitosa lluminados por el Fuego (2005) sobre a guerra de Malvinas e Che, Un hombre Nuevo (2010) que tivo a sua estreia multitudinária no Monumento à Bandeira de Rosário. Um dos produtores é o Topo Devoto, que já trabalhou em Néstor Kirchner, la película (2012) dirigida por Paula Luque.

Hoje, estes seres horríveis, produzirom umha imagem lavada do companheiro Brujo, ponhendo-o ao lado de todas essas figuritas, íconos do progresismo.

Como rebote disto, Clarín e outros meios reaccionarios saírom a pegar-lhe ao documentário, para seguir machacando que o desaparecimento e assassinato de Santiago foi toda umha operação K contra o governo de Macri. Que em realidade, Santiago só se afogou e que além disso foi enganado polos mapuche terroristas. O discurso da fenda que tanto convém aos negócios eleitorais de ambos grupos.

## Ideal. Amor. Injustiça

Em 1998, no meio dumha montagem jurídica-policial onde som acusados de pertencer a um agrupamento ecoterrorista chamado «Lupi Grigi» (Lobos Grises), Baleno primeiro e Soledad Rosas depois, companheiros de loita e de vida, aforçaram-se no seu encerro. «Crime de Estado» chamaro-no os seus companheiros, porque forom empurrados a tomar aquela decisom. No marco desta montagem outros tantos forom encarcerados, okupas e locais monitorados numha tentativa de amedrentamento. A loita em defesa da terra, como é a histórica campanha contra os Comboios de Alta Velocidade na Europa, encontrava um revés histórico.

Ao êxito do Estado, seguiu-lhe o êxito do sensacionalismo e o comércio. Tanto na Itália como na Argentina tivo umha importante repercussom mediática. Anarquistas e okupas daqueles anos tiverom algumas páginas ou minutos ao ar em meios de massas desta região para falar de Soledad. «A nova forma de guerrilha», titulava Chiche Gelblung em Memória mentres entrevistava a okupas em Rosario. Nem lerdos nem preguiçosos, a associação empresarial Patricio Rei e os seus Redonditos de Ricota nomeia a Solidas numha das suas cançons: «La Sole se marchó de lo linda que era». Nom, a suicidou o Estado.

No 2003 publica-se o livro Amor y Anarquía, la vida urgente de Soledad Rosas de Martín Caparrós, umha das caras naqueles anos do jornalismo sério e progre junto a Jorge Lanata. O livro foi um êxito e as palavras amor e anarquia circulavam pola tv.

Mais o pior estava por vir com a realização de Solidad de Agustina Macri e por suposto a reediçom do livro. Caparrós, cum cinismo agobiante, defende a realização do filme porque como bom empresário

sabe-se adaptar ao que vende nos tempos que correm, “mulheres protagonistas” segundo os publicitários e guionistas.

A complexa e necessária loita anticapitalista encarnada em Soledad e Baleno quiere ser convertida em «um ideal, um amor, umha injustiça» como reza o subtítulo do filme.

## Ato final

Embora inútil o exercício, nom deixamos de nos perguntar que passa pola cabeça de alguém como Agustina Macri ou Florencia Kirchner. Mais nom tem sentido aventurar-nos a tam escuros abismos.

Pola nossa parte convidamos a nom assistir às projeçons de ambos filmes e a difundir a verdade sobre estes companheiros. Exerçamos umha memória ativa e rebelde.

Alegra-nos saber que na Itália, companheiros e companheiras sabotearom a filmaçom de Macri que tivo que mudar as suas locaçons em Milam, mentres em Roma tivo que realizar-se baixo a proteçom de polícias anti-distúrbios.

Estes companheiros nom pertencem a nenhum grupúsculo, nom queremos exercer sobre eles o direito à propriedade que nos impom o Capital. As suas loitas, as suas vidas antagonistas, pertencem já, a toda a memória anticapitalista de todo o Planeta. Os seus olhares, açons e palavras nutrem-nos hoje e o faram manhá com as novas geraçons de loitadoras e loitadores. Por isso, moito menos cabem em nenhuma novelinha burguesa.

Nessas cintas, nom estaram o Brujo, nem Sole, nem Baleno. Nom há nada que ver aí. Só umha representação dumha falsificação prévia, a preço dumha entrada. Só umha montagem de imagens mortas animadas por umha ilusom de movimento.

Texto elaborado entre compas de Rosário e Buenos Aires.

Da livraria de Ardora recomendamos o livro «**Cartas sobre el sindicalismo**» de **Bartolomeo Vanzetti**, onde se recolhem escritos elaborados entre a sua detençom e o seu assassinato. Umha análise crítica do sindicalismo baseado na sua experiência práctica na loita obreira e que a dia de hoje nom perde atualidade.

Também recomendamos o livro «**Preferi roubar a ser roubado**» onde se recolhem vários textos de anarquistas ilegalistas sobre o roubo revolucionário.



# Ardora

(s)editions anarquistas

Editora anarquista  
ardoraeditora.info · ardora@bastardi.net

# Irmandade da Costa

Kornal dixital airmandadedacosta.info  
airmandadedacosta@riseup.net